

## REPRESENTAÇÕES XAVERIANAS: O CASO *BROTÉRIA*

Maria de Deus Beites Manso<sup>1</sup>  
Universidade de Évora

O trabalho que agora apresentamos tem por suporte documental os artigos publicados sobre Francisco Xavier, na revista *Brotéria*, uma das principais e mais constante publicações do século XX português. Criada em 1902, “conviveu” com os tempos da Monarquia, da I República, do Estado Novo, da Democracia e continua a publicar-se actualmente. Apesar das diversas reestruturações que sofreu, assentou sempre numa matriz católica, ligada à Companhia de Jesus, geradora em parte do movimento da restauração católica portuguesa, surgido nos finais do séc. XIX, princípios do séc. XX, a que estiveram associadas organizações como o CADC (1901), a *Associação Promotora da Instrução Pública* (1902), a *Liga de Acção Social* (1907) ou as *Juventudes Católicas* (1907)<sup>2</sup>. O facto de a revista ter sido criada como reacção ao modo anti-clerical que se vivia no País, e de ter atravessado diversos regimes políticos,

---

<sup>1</sup> Doutorada em História pela Universidade de Évora. Tem desenvolvido vários trabalhos na área da História da Expansão. Cfr: *A Companhia de Jesus na Índias. Aspectos da sua acção cultural e missionária: 1542-1622*, dissertação de doutoramento UE,1999; “S. Francisco Xavier e a Índia”, *São Francisco Xavier A Sua Vida e o Seu Tempo (1506-1552)*, Comissariado Geral Das Comemorações do V Centenário de S. Francisco Xavier, Lisboa, 2006, pp. 77-83, “Convergências e Divergências: O Ensino nos Colégios Jesuítas de Goa e Cochim durante os séculos XVI-XVII”, *Jesuítas, Ensino e Ciência sécs. XVI-XVIII*, coordenação de Luís Miguel Carolino e Carlos Ziller Camenietzki, Ed. Caleidoscópio, 2005, pp. 163-181. Encontra-se na programação do centenário do nascimento de S. Francisco Xavier, Pamplona: [www.javier2006.com](http://www.javier2006.com) - o artigo está a ser traduzido para a língua chinesa, a ser publicado na *Revista de Administração Pública de Macau*.

<sup>2</sup> Sobre o assunto consultar: Amaro Carvalho da Silva, *O Partido Nacionalista no contexto do movimento católico (1901-1910)*, Lisboa, Ed. Colibri, 1996 e Sara Marques Pereira, “A Brotéria – Revista Contemporânea no Estado Novo (1933-1947)”, *Brotéria*, Dezembro de 2003, p. 389.

permite-nos compreender a sua abordagem em relação a determinados temas como, por exemplo, os Descobrimentos Portugueses, nomeadamente no aspecto missionário.

Mais de um século de publicações representam um tempo bem longo não só do ponto de vista político, como também religioso e de crítica histórica. Entre a pedagogia missionária, Xavier ocupou um lugar central na revista, pois foi um dos principais agentes da *lusitanização* levada a cabo pelos portugueses a partir do séc. XV no Oriente. Assim, o *corpus* seleccionado para este trabalho é indispensável para a compreensão e reflexão sobre o “passado glorioso de Portugal” de que os descobrimentos são um exemplo. Neste sentido, observaremos através desta publicação como é que a missão no espaço de circulação portuguesa, particularmente a xaveriana, se foi traçando ao longo de mais de um século.

## **XAVIER NA *BROTÉRIA*: 1929 – 1956**<sup>3</sup>

### **1. Georg Otto Shurhammer**

A *Brotéria* surgiu como resposta às correntes anti-clericais e, nomeadamente, anti-jesuítas, que se vinham decalcando desde o séc. XVIII e se acentuaram no período liberal e republicano<sup>4</sup>. Este aspecto irá agravar-se com a expulsão das Ordens religiosas, depois de 5 de Outubro de 1910, levando a uma segunda saída da Companhia de Jesus e ao encerramento da Revista até 1911, para reabrir logo no ano seguinte.

Depois de 1910, alguns dos seus directores foram perseguidos. Por isso, não será de estranhar que muitos deles depositassem confiança no regime saído do golpe militar de 28 de Maio de 1926, na esperança de uma efectiva restauração católica e de um combate à heterodoxia: “Ela, que se constituirá como órgão militante de uma certa *alta cultura católica*, fará durante os primeiros anos do regime, sensivelmente até 1945, a

---

<sup>3</sup> A opção metodológica prende-se com a periodicidade dos artigos. O primeiro artigo foi redigido em 1929 por Goerg Schurhammer e até 1956 publicou-se com alguma regularidade sobre a temática . Entre 1957 e 1982 não foi escrito qualquer artigo.

<sup>4</sup> Pedro Calafate na apresentação da edição portuguesa do livro de Michel Leroy, *O mito jesuíta*, Lisboa, Ed. Roma, 1999, p.11, escreve que o anticlericalismo dos republicanos tanto “exorcizaram os jesuítas, como também a ‘religião da humanidade’ de Augusto Comte”.

apologia do Estado Novo, respondendo assim com proselitismo à militância de sinal contrário de que fora vítima anos a fio”<sup>5</sup>.

No que toca aos escritos sobre Xavier, estes só começaram a irromper a partir de 1929, três anos depois do golpe militar, altura em que o Estado Novo se começa a estruturar. Esta foi a forma que a revista encontrou para intervir dentro de um tema que era caro ao regime: os descobrimentos e o processo missionário levado a cabo pelos portugueses. O interesse pelo estudo e pelas comemorações dos descobrimentos, na tentativa de legitimar as descobertas e a primazia portuguesa, acentuou-se ao longo do séc. XIX a meados do séc. XX. As primeiras seis décadas do século XX valorizaram as grandes comemorações, de onde destacamos o *Congresso do Mundo Português*, em 1940, e o *Congresso Internacional de História dos Descobrimentos*, em 1960. Pretendia-se mostrar perante a Nação e perante o mundo que Portugal possuía um vasto País e que sempre se relacionara e adaptara facilmente aos espaços descobertos ou conquistados – teoria defendida pelo *lusotropicalismo* e aceite pelo Estado Novo<sup>6</sup>. Nesta perspectiva, pensamos que a *Brotéria* se preocupou não só em divulgar esta ideia como se apropriou dela, isto é, tentou demonstrar que coube aos inicianos, e particularmente a Xavier, debaixo do Padroado Português, consolidar essa mesma presença, levando à estruturação do que nós designamos de *lusitanização*. Houve uma preocupação em associar a conquista temporal à conquista espiritual: a espada e a cruz. Aliás, no caso do Oriente, a missão como factor colonizador ganhou um novo destaque, não só porque a presença militar portuguesa nem sempre foi efectiva ou não existiu, mas também porque criou estruturas que permitiram a construção de sociedades de *apresentação* ocidental/cristão, permitindo igualmente, por vezes, que o poder político e económico se fixassem<sup>7</sup>.

No cômputo total são trinta e nove os artigos publicados sobre o tema. Dado curioso é que nas primeiras três décadas de edição nada se escreveu relacionado com o assunto. Só em 1929 surgiu o primeiro artigo de Georg Shurhammer: *Duas impressões portuguesas desconhecidas (séc. XVI)*<sup>8</sup>. Este continuará a escrever nos três anos

---

<sup>5</sup> Sara Marques Pereira, *op. cit.*, p. 393.

<sup>6</sup> Cláudia Castelo, “*O Modo Português de Estar no Mundo*”: *O luso-tropicalismo e a ideologia colonial portuguesa (1933-1961)*, Lisboa, Ed. Afrontamento, 1999. José Carlos Reis, *As Identidades do Brasil de Varnhagen a FHC*, 7ª ed. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 2005, pp. 51 e segs.

<sup>7</sup> Fora do espaço adquirido através da conquista, a fixação dos portugueses era escassa e as actividades comerciais muitas das vezes só eram possíveis porque aí existia uma forte presença missionária, como era o caso do Sul da Índia, Costa da Pescaria e Coromandel.

<sup>8</sup> *Brotéria*: Série Mensal: Fé – Ciências – Letras, vol. IX, Fasc. III, Setembro, Lisboa, 1929, pp. 243-246. Saliente-se que a sua publicação ocorreu aquando da segunda remodelação (2ª série).

seguintes e só voltará a escrever em 1947 e 1952, totalizando seis artigos. Se olharmos para a autoria dos artigos, este jesuíta contemporâneo foi um dos nomes mais assíduos. Tornou-se num dos principais biógrafos de Xavier, por isso, não nos surpreende o seu interesse pormenorizado pela vida e obra do Santo. A primeira rubrica reporta-se ao livro *Bibliografia das obras impressas em Portugal no século XVI*, publicado por António Anselmo, e comenta: “Entre as publicações quinhentistas que faltam no livro do Sr. Anselmo, há duas até agora nunca mencionadas por nenhum bibliógrafo – as duas partes últimas do breviário de São Francisco Xavier”<sup>9</sup>. Conhecendo nós o percurso historiográfico deste biógrafo, não nos admirou as particularidades que nos apresenta a respeito do navarro. Relata-nos essencialmente uma visão descritiva dos acontecimentos e não de análise histórica. A par da importância histórica que atribui à mesma, foi escrevendo sobre as suas capacidades milagrosas, atendendo a que o breviário *assistiu* o Santo até à morte. Surge-nos como uma relíquia. A mesma preocupação está subjacente no segundo artigo: *Novos Documentos para a história das Molucas no tempo de São Francisco Xavier*<sup>10</sup>. Para além de redigir alguns parágrafos sobre a disputa portuguesa e castelhana pela posse das Molucas, foi o começo das missões – tanto aí como no Japão – que o interessou. Embora Xavier fosse navarro, este esteve ao serviço da coroa portuguesa e desta recebeu todo o apoio para a fixação do Cristianismo. Independentemente da disputa política pelas ilhas, distingue o pioneirismo missionário português, ainda que protagonizado por um espanhol. O apoio dado pelo rei às missões está expresso nas cartas que daqui redigiu.

Dois artigos invulgares foram publicados em 1933. Estes são uma resposta à crítica e ao ataque que os protestantes vinham fazendo ao jesuíta<sup>11</sup>. Schurhammer dispôs-se a justificar a sua vida e a sua obra missionária, argumentando que havia muitos protestantes, sobretudo anglicanos, que reconheciam a obra emblemática que o Santo desenvolveu no Oriente. Foram muitos os que o viram como o maior e mais verdadeiro exemplo de missionário moderno, elogiando a sua humildade, a sua modéstia e dedicação ao próximo. Os que o condenavam argumentavam com base na superficialidade da preparação dada aos catecúmenos, resultante em parte do desconhecimento das línguas locais. O grande número de conversões, a questão da adaptação às culturas locais, as metodologias missionárias, particularmente a aceitação

---

<sup>9</sup> *Brotéria*, vol. IX, Fasc. III, Setembro, Lisboa, 1929, p. 243.

<sup>10</sup> *Brotéria*, Revista Contemporânea de Cultura, vol. XIV, Maio, fasc. 5, Lisboa, 1932, pp. 278-288.

<sup>11</sup> “A crítica protestante e S. Francisco Xavier”, *Brotéria*, vol. XVI, fasc. 2, 1933, pp. 137-147 e vol. XVI, fasc. 4, 1933, p. 205.

de algumas práticas da terra, a itinerância, o desconhecimento das culturas locais por parte de Xavier e a grande instabilidade que se vivia nos espaços de circulação portuguesa são por estes comentados. A título de exemplo citamos a crítica de G. Smith, *Short History of Christian Missions* (Handbooks for Bible Classes, Edimburgo, 1897), em que escreve que o fracasso missionário deveu-se a que Xavier: “Busca nos seus neo-convertidos não um *opus operans*, uma mutação subjectiva da natureza, que se procurasse na vida, mas um *opus operatum*, uma obra exterior, que nada exigia além da recitação do Credo, e algumas poucas orações e o baptismo”<sup>12</sup>.

Shurhammer contesta as acusações baseando-se na produção historiográfica inaciana: Lucena, Valignano, Frois, entre outros. Rejeita todas as críticas que lhe são dirigidas e assume uma posição apologetica. Não procura, particularmente, uma defesa assente na contextualização dos factos, mas na justificação factual dos acontecimentos e numa alegação católica dos factos. Assim, argumenta que Xavier se fazia acompanhar de um intérprete, permitindo a transmissão dos principais fundamentos da doutrina. A instabilidade religiosa e sócio-cultural nos espaços de circulação por onde o Santo andou só se intensificou devido ou à proibição do Cristianismo pelas autoridades locais, como foi o caso do Japão, ou devido à intervenção holandesa no processo e aos ataques muçulmanos, levando à imposição do islamismo, como foi o caso das Molucas.

A procura de fontes sobre Xavier e sobre a sua época foi uma das principais preocupações de Shurhammer, o que lhe permitiu, entre outros trabalhos, biografar pormenorizadamente o missionário. Não foi a conceptualização de problemáticas históricas que o preocupou, mas a recuperação e a divulgação das fontes, como aconteceu com a edição das cartas de S. F. Xavier<sup>13</sup>. Posteriormente, foi criticado pela forma como fez a edição, devido ao uso de uma *mente demasiada analítica*, isto é, aceitou descrições que à partida estão erradas, como é o caso do elevado número de conversões<sup>14</sup>.

O último artigo do autor fala-nos sobre as festas realizadas para a canonização de Xavier e Loyola, em 1622<sup>15</sup>. O autor limitou-se a publicar os festejos organizados para a ocasião, cujo objectivo era manter viva a chama missionária e lembrar o papel

---

<sup>12</sup> Citado por Shurhammer, *Brotéria*, vol. XVI, fasc. 2, 1933, p. 140.

<sup>13</sup> *Epistolae Xaveri aliaque script, nova editio ex integro refect*, Ediderunt G. Schurhammer e José Wicki, Tomus I et II. Romae, apud MHSI, 1944-1945.

<sup>14</sup> M. G. da Costa, “Portugal nas “Cartas de S. Francisco Xavier”, *Brotéria*, Vol. XLIII, fasc. 5., Lx, 1946, pp. 437-447.

<sup>15</sup> “Festas em Lisboa em 1622 (Uma Relação Inédita)”, *Brotéria*, vol. LV, fasc. 1, 1952, pp. 342-355.

mensageiro de Portugal. Ainda que se tratem de figuras espanholas, a verdade é que foi ao serviço de Portugal que mais cedo se distinguiram, daí a oportunidade de as evocar.

## 2. DOMINGOS MAURÍCIO

Domingos Maurício assume a direcção da Revista entre 1936 e 1946. Neste período não escreveu qualquer artigo sobre Xavier. Só o fez entre 1953 e 1954, perfazendo sete artigos. Foi seu objectivo o estudo do apoio dado por D. João III às missões<sup>16</sup> e os *Governadores e Vice-Reis xaverianos*<sup>17</sup>.

O autor lembra todo o apoio que D. João III deu ao estabelecimento da Ordem em Portugal e às missões no Oriente, particularmente a Xavier. Este apoio torna-a uma Ordem de criação régia, cujo apoio lhe permitiu triunfar em espaços e situações onde outras não o conseguiram. Há, efectivamente, desde o início uma ligação entre o monarca e o Santo, isto é, nunca até ao momento o poder régio e o religioso se tinham unido de forma tão sistemática e tão planeada. Fruto da grande instabilidade política e religiosa que se vivia na Europa, essa aliança fez com que se assumissem novas políticas de evangelização fora desta para que, assim, se compensasse a cristandade aqui perdida e para que o gentilismo, a heresia e todo o infiel fossem cristianizados.

O conjunto de artigos tocantes à relação entre Xavier e os Governadores e Vice-Reis dimanam do apoio que o monarca deu não só ao envio dos religiosos para Oriente, mas também das medidas tomadas a favor da cristandade e do favorecimento da Companhia de Jesus face a outras Ordens religiosas. São essencialmente as alusões ao valor militar, diplomático e de protecção às cristandades que Domingos Maurício valoriza, sem nunca se esquecer do papel que a Ordem teve na configuração e manutenção do império. Pois muitos dos acordos só aconteceram devido ou à conversão das autoridades locais ou à tolerância para com a nova fé.

Um dos Vice-reis descritos com maior heroicidade foi D. João de Castro. Ao lado de Xavier, lutou contra gente rude, ignorante, gentia ou infiel: “... dum homem, enfim, que, desde que conheceu pessoalmente Xavier, o chamou para junto de si, tornando-o confidente de sua alma na hora extrema, para se amparar ao conforto das suas exortações e das suas preces, a história da evangelização cristã, no Oriente, só tem

---

<sup>16</sup> “Portugal e S. Francisco Xavier. D. João III na projecção apostólica xaverina”, *Brotéria*, vol. LV, fasc. 1, 1952, pp. 455-482.

<sup>17</sup> *Brotéria*, 1953 e 1954.

um necrológio digno e justo a fazer: Foi um herói, parceiro dum santo. Fortuna de santo, que compreendeu o herói”<sup>18</sup>.

À semelhança de outros e, no seguimento de uma história apologética, também rejeita qualquer crítica menos laudatória ao Santo – a *intocabilidade* de Francisco Xavier. Em 1952 foi publicada uma biografia<sup>19</sup> que qualificou de *pseudo biografia*, dado que, em seu entender, não valorizou nem a sua vida nem a sua obra, omitindo a ajuda prestada aos doentes e aos presos, o ensino, a catequização e outras obras assistenciais e culturais desenvolvidas por Xavier.

### 3. NOTAS SOLTAS

Durante o período da ditadura foram escritos mais de dezasseis artigos, na sua grande maioria de carácter *noticioso*. Neste grupo, ainda que quase todos os colaboradores tenham uma participação singular, destacamos: João Pereira Gomes, Mário Martins, António Baião, José Wicki, Mário Martins e A. Rocha.

Seguindo uma via diferente do que acima apresentámos, indicamos dois artigos sobre o quarto centenário da chegada de Xavier ao Oriente<sup>20</sup>. Neles se destaca o começo de uma nova era, os milhares de gentios baptizados e compara Xavier com os primeiros apóstolos do Cristianismo. Pensamento análogo é seguido nos artigos *O Apelo de Xavier e O Ocidente e o Japão*<sup>21</sup>. Em relação ao primeiro, assinalamos a coragem lusitana, tanto na conquista temporal como espiritual, assim como a correlação que havia entre as autoridades régias e os missionários e a dependência do Santo face às autoridades portuguesas. Apontam-se as virtudes da evangelização e registam-se alguns fracassos, quase sempre motivados pela ingerência de outras religiões, como era o caso do Calvinismo no Japão.

Para Mário Martins, foi a circunstância de Xavier ter estado ao serviço dos portugueses que fez dele uma figura excepcional. Esta condição moldou a sua acção: “Sem os portugueses, a vida de S. Francisco Xavier poderia ter sido grande. Mas, tinha, forçosamente, de ser diferente. E o seu aspecto mais simpático, para nós, consiste, precisamente, nisso – no ritmo paralelo da sua vida com a gesta marítima dos nossos

---

<sup>18</sup> *Brotéria*, vol. 56, fasc. 1, Lisboa, 1953, p. 367.

<sup>19</sup> *Adro Xavier, Huellas en la arena – San Xavier en la Índia. Impresiones de viaje*, Atenas, S. A., Mayor, 81, Madrid, 1952. Domingos Maurício, “Pseudo-biografia Xaveriana”, *Brotéria*, vol. LV, fasc. 1, Lisboa, 1952, pp. 206-224.

<sup>20</sup> A. Rocha, *Brotéria*, vol. XXXII, fasc. 1, 1941, pp. 536-539. *Brotéria*, vol. XXXIV, fasc. 1, 1942, pp. 216-217 (anónimo).

<sup>21</sup> *Brotéria*, vol. XXXIV, fasc. 3, 1942, pp. 267-277.

argonautas e mercadores. Neles se apoiava S. Francisco Xavier, sobre o dorso inquieto do mar”<sup>22</sup>. Lembra que muito antes de ter chegado a Lisboa, já Portugal tinha iniciado a obra missionária. O que se adicionou a esta realidade foi “(...) imprimir ao catolicismo, na Ásia, um desenvolvimento enorme” e o início de algumas missões, como foi o caso do Japão. No entanto, já mercadores portugueses tinham chegado ao Japão “(...) e falaram, certamente, da religião cristã, pois trouxeram consigo um japonês, para este se confessar a S. Francisco Xavier”<sup>23</sup>.

Verificamos que os colaboradores da *Brotéria* desejam relacionar a obra de Xavier com Portugal e serem fiéis responsáveis – censores – do que sobre ele se escrevia e sobre as missões jesuítas em geral. Mesmo as biografias consideradas de maior “prestígio” e escritas por jesuítas, como é o caso de A. Brou S. J.<sup>24</sup>, merecem reparos. Um dos críticos desta edição foi João Pereira Gomes, S.I., que tentou refutar muitas das afirmações menos laudatórias sobre a vida do Santo e o trabalho missionário em geral. Justifica as viagens e missões que Xavier empreendeu no Oriente. A. Brou partiu do princípio – opinião corrente – de que a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto não tinha nada de autêntico e situava-se no campo da fantasia “(...) se na *Peregrinação* há coisa verdadeira, não deixará de ser o que respeita ao santo apóstolo. Fernão Mendes Pinto sabia, até por experiência própria, quanto eram frequentes e pormenorizadas as cartas escritas no Oriente pelos missionários da Companhia de Jesus”<sup>25</sup>.

Surpreendentemente, José Wicki só escreveu um único texto, em 1952<sup>26</sup>. Fez uma súpula de Xavier desde o nascimento até à morte, focando as viagens e os métodos missionários. No que diz respeito à primeira parte, admirou o seu percurso itinerante, a que ele chama de *missionário ambulante*, e lamenta a sua morte solitária, às portas de Sanchoão. No que preza aos métodos missionários por ele usados e recomendados, e que irão fazer dele um precursor das missões modernas, fez sobressair: a boa relação que a Companhia de Jesus deveria ter com as autoridades régias, atendendo a que se movimentavam num espaço hostil; a necessidade de darem a conhecer as suas actividades aos bispos e a recomendação de boas relações com os franciscanos e dominicanos. Segundo Wicki, foi o diminuto pendor para a aprendizagem das línguas

---

<sup>22</sup> Mário Martins, “Os precursores de S. Francisco Xavier”, *Brotéria*, vol. LV, fasc. 1, Lisboa, 1952, p. 385.

<sup>23</sup> *Ibidem*, p. 390.

<sup>24</sup> João Pereira Gomes, “Fernão Mendes Pinto historiador, Lapsos duma critica.”, *Brotéria*, Vol. XXXV, fasc. 4, Lisboa, 1942, pp. 271-289.

<sup>25</sup> *Ibidem*, p. 289.

<sup>26</sup> José Wicki, “S. Francisco Xavier: as suas viagens e métodos missionários”, *Brotéria*, vol. LV, fasc. 1, Lisboa, 1952, pp. 5-12.

que fez com que tivesse recorrido a um intérprete para o ensino das orações e do catecismo e, posteriormente, à sua tradução para as línguas locais. Apesar de toda a vida exemplar que o Apóstolo levou e da obra que iniciou, houve facetas menos edificativas, como o seu pouco conhecimento sobre direito canónico. Isso deu ocasião a desentendimentos com outras religiões como, por exemplo, no caso dos casamentos e batismos antecidos de pouca preparação e sem cerimonial.

Terminamos estas notas com um texto de Paulo Durão sobre *As mulheres no epistolário de S. Francisco Xavier*<sup>27</sup>. O autor não nos apresenta um Xavier misógino, mas um homem preocupado com o sofrimento feminino: a viúva que perdeu o marido e a mãe que perdeu o filho. A sua preocupação com o sofrimento feminino levava-o a assistir aos partos na Costa da Pescaria e ressalta ainda a afeição que o santo mantinha pela Rainha D. Catarina.

### **XAVIER NO FINAL DO MILÉNIO: 1983-1998**

São em número de seis o conjunto de itens tocantes a este período e quase todos eles subscritos por jesuítas. Depois de uma demorada pausa, o tema Xaveriano voltou e, excepcionalmente, pela escrita de um antropólogo: Mário António de Oliveira<sup>28</sup>. A questão abordada já não era nova. Em 1952, como já escrevemos, George Shurhammer escreveu sobre a matéria. Se no primeiro caso estamos na presença dum dos principais biógrafos xaverianos, neste segundo caso trata-se de um especialista africano. Sendo assim, a formação intelectual de cada um dos intervenientes e a diferença temporal que os separa na escrita fez com que as abordagens tenham análises diferentes. Mário António insere o seu artigo dentro do contexto do barroco português, ou melhor, do barroco luso-africano, de que estes festejos ocorridas em Luanda são exemplo: a festa e o combate à idolatria. A contextualização liga-se às tendências historiográficas que ultimamente obtiveram destaque, sobre o olhar da presença lusa no Império: a mestiçagem e/ou a criouliização. O autor nota a simbiose de práticas levadas a cabo nos festejos. São muitos os elementos da cultura ocidental e africana que se associam, dando

---

<sup>27</sup> *Brotéria*, vol. LV, fasc. 1, Lisboa, 1952, pp. 512-519.

<sup>28</sup> “Festejos Pela Beatificação de S. Francisco Xavier em Luanda (1620)”, *Brotéria*, vol. CXVI, Lisboa, 1983, nº 3, pp. 307-333.

origem a uma nova cultura, mas com a finalidade de ocidentalizar. Um dado interessante que o autor acentua prende-se com o hibridismo a nível da escrita, ocorrido sobretudo na sequência da União Ibérica, de que a Companhia de Jesus foi uma das principais mentoras, dado que no império português se cruzavam maioritariamente missionários lusos e castelhanos: “Parte desse florilégio poético aparece escrito em castelhano, circunstância cultural que tem que ver com a situação política portuguesa, de união com Castela, como com a Companhia de Jesus, certamente promotora desse bilinguismo na medida em que, principalmente castelhana, servia no império português com missionários que tanto podiam ser castelhanos como portugueses. Mas, nessa época de exacerbado patriotismo, não admira que a presença maior para um poeta fosse a de Luís de Camões, de cujos versos encontramos ecos, facilmente reconhecíveis no florilégio”<sup>29</sup>.

Depois de uma década de silêncio, António Lopes S.J. voltou à temática xaveriana, com especial enfoque para a importância que este teve em Portugal, particularmente a sua relação com Setúbal. Na sua opinião, mesmo não sendo português era-o no seu modo de agir e de se sentir ao serviço do Padroado Português<sup>30</sup>. Atendendo à perseguição de que a família em Navarra foi sujeita, vai fazer com que, em seu entender, adopte uma nova Pátria. Num outro seu escrito, “Francisco Xavier e a nova evangelização”, apresenta-nos uma curta biografia sobre o Santo. Começou pela sua passagem por Paris, sendo no início um crítico de Loyola, um espírito irreverente vocacionado para o desporto, bom professor de Filosofia, que acabou por se converter aos *exercícios espirituais*, tornando-se num dos principais homens do fundador da Companhia. Apresenta-nos igualmente o seu percurso missionário, marcado tanto pela atitude impositiva do Cristianismo aos povos da Índia e de um olhar depreciativo sobre as suas culturas, como pelo modo de adaptação que fez no Japão, a fim de catequizar, sendo, neste sentido, o precursor de outros jesuítas que se lhe seguirão: Valignano, Ricci, Nobili<sup>31</sup>. Também o Padre António Vieira, na concepção de Mário Garcia, o admirava no uso das suas metodologias missionárias. No seu dizer, Xavier e Vieira: “representam, cada qual no seu género, uma das mais sugestivas linhas da espiritualidade inaciana, que não vingou oficialmente na universal Companhia devido

---

<sup>29</sup> *Ibidem*, p. 324.

<sup>30</sup> António Lopes, “Francisco Xavier e Setúbal”, *Brotéria*, vol. CXXXIV, Lisboa, 1992, Nº 3, pp. 276-292.

<sup>31</sup> *Brotéria*, vol. CXL, Lisboa, 1995, Nº 1, pp. 93-103.

ao predomínio, exclusivo durante mais de três séculos e meio, do *Exercício de perfeição e virtudes cristãs* do espanhol Afonso Rodrigues”<sup>32</sup>.

A publicação da Biografia de Xavier de George Shurhammer mereceu uma nota “crítica” na *Brotéria*. António Leite não se preocupou em fazer uma recensão da obra, mas em explicar os motivos que conduziram à sua publicação. Apresenta um resumo sucinto dos volumes e termina escrevendo que se justificava uma tradução para o português, dado que foi enviado por D. João III para evangelizar o Oriente e que a si mesmo se chama português, e a sua actividade missionária enquadra-se no Padroado Português do Oriente<sup>33</sup>.

Terminamos esta abordagem com um estudo de Eduardo Javier Alonso Romo<sup>34</sup>, retomando um velho/novo tema: a *lusitanização* de Xavier. O autor analisa a identificação progressiva do missionário navarro com tudo o que é português e, particularmente, com a aprendizagem da língua lusa.

Independentemente do apreço que o Santo poderia ter por tudo o que era português, isso não se explica pelo facto de escrever e falar português. Das 138 cartas redigidas, 92 são escritas em português, o que levou alguns estudiosos a falar de *lusitanização*<sup>35</sup>. Romo fundamenta que este bilinguismo se deveu ao: “(...) conhecido princípio jesuítico da adaptação, e concretamente, pela grande importância que Inácio de Loyola dava ao conhecimento da língua própria de cada região, onde os jesuítas trabalhavam. Ou seja tudo isto tem de ser entendido dentro de um facto mais amplo de bilinguismo luso-castelhano, que se desenvolveu durante o século XVI e a primeira metade do XVII, e que atingiu nomeadamente as camadas altas da sociedade portuguesa. É importante ter em conta que, naquela altura, as diferenças entre as duas línguas peninsulares, eram muito menores do que hoje”<sup>36</sup>. Outros dados que justificam o seu conhecimento do português são: a estada no Colégio de Santa Bárbara em Paris, onde havia muitos estudantes portugueses; a viagem de Roma a Lisboa; a permanência em Portugal antes de partir para o Oriente e os onze anos vividos na missão do Oriente.

---

<sup>32</sup> Mário Garcia, “Xavier, heterónimo de Vieira”, *Brotéria*, vol. CXLV, Lisboa, 1997, Nº4/5, pp. 437-467.

<sup>33</sup> António Leite, “Francisco Xavier. A sua vida e o seu tempo” de Georg Schurhammer, S.I.”, *Brotéria*, vol. CXXXVII, Lisboa, 1992, Nº 5, p. 466.

<sup>34</sup> *Brotéria*, “A ‘Lusitanização’ de S. Francisco Xavier e dos seus companheiros espanhóis (1540-1552)”, pp. 565-580.

<sup>35</sup> *Ibidem*, p. 574.

<sup>36</sup> *Ibidem*, p. 567.

A razão para o facto de se sentir português pode encontrar-se na antipatia que nutria por Castela, por esta ter arrebatado a independência de Navarra, durante o reinado de Fernando, o Católico<sup>37</sup>.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *corpus* documental que aqui trouxemos permite-nos traçar a representação de ideias e teorias organizadas ao longo de mais de cinco séculos, para uma estratégia missionária da conversão do Oriente. Esta construção mistura história e ideologia, promovendo um discurso justificativo do pioneirismo português na aventura marítima do séc. XV e XVI e a consequente implantação da civilização ocidental, com particular destaque para os valores do Cristianismo e da cultura portuguesa.

Se a *Brotéria* apareceu como resposta ao ambiente anti-clerical que se vivia em Portugal, a verdade é que acabou por servir os objectivos políticos e culturais de então – a divulgação da índole heróica dos portugueses, assente no seu passado marítimo. Desde a segunda metade do século XIX que a Nação vinha explorando o comemorativismo histórico, formando um novo corpo ideológico que iria ser continuado pelo Estado Novo para a legitimação e manutenção das colónias ultramarinas<sup>38</sup>. Por isso, não é de surpreender que o Império tenha sido, nos últimos dois séculos, uma componente estável da imagem que os Portugueses fazem de si próprios<sup>39</sup>. Partindo deste princípio: “Trata-se sobretudo de associar ao património histórico e cultural dos *portugueses* a actividade missionária enquanto expressão da sua vocação *civilizadora*”<sup>40</sup>. Assim, a revista ajudou a difundir essa ideologia, quer através da exaltação das virtudes da raça, quer através do enaltecimento dos seus heróis, como foi o caso de Xavier, mesmo não sendo português – projectou a missionação como obra civilizadora. Neste sentido, a circulação do discurso pró-colonial foi sustentado pelos

---

<sup>37</sup> *Ibidem*, p. 578.

<sup>38</sup> João Carlos Paulo, “Da ‘Educação Colonial Portuguesa’ Ao ensino No Ultramar”, *História da Expansão Portuguesa*, Direcção de Francisco Bethencourt e Kirti Chaudhuri, vol 5, Lisboa, Círculo de Leitores, 1999, pp. 304 -333.

<sup>39</sup> Maria Cândida Proença, at. Al., *Os descobrimentos no Imaginário Juvenil (1850-1950)*, Lisboa, Comissão Para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 2000, p. 16.

<sup>40</sup> José Madeira, *A Ilusão Missionária: Ideologia Colonial e Civilização Católica* (texto policopiado), dissertação de Mestrado em Antropologia na especialidade de Colonialismo/Pós-Colonialismo, ISCTP, 2006, p. 24.

seus colaboradores, com destaque para os jesuítas. Mas, fora da revista, outros inicianos seguiram o mesmo caminho como, por exemplo, Silva Rego. Este foi um dos jesuítas que mais contribuiu para o discurso patriótico/missionário e de divulgação de fontes sobre a presença portuguesa em África e no Oriente. Para além do discurso escrito, proferiu um conjunto de palestras na Emissora Nacional entre 23 de Abril e 26 de Novembro de 1966. Na conferência de abertura, sublinhou essa grandeza que coube a Portugal, sublinhando: “Pode afirmar-se até certo ponto: a) o século XVI pertence à península Ibérica; b) o século XVII é disputado entre a Espanha e a França; c) o século XVIII assiste à gradual decadência do poderio francês e à crescente hegemonia inglesa”<sup>41</sup>.

Um dos aspectos notados na grande maioria dos artigos agora analisados foi a importância conferida às motivações dos descobrimentos portugueses: o “espírito de cruzada” e a missionação. Esta visão de grande cruzada pela fé, motivação que suplantou qualquer outro objectivo económico ou estratégico, foi também reforçada na historiografia escolar do Estado Novo<sup>42</sup>. Este objectivo teve mais significado no Império do Oriente, pois este foi por excelência o símbolo da grandeza de Portugal. Aqui, a fixação dos portugueses não só não foi pacífica como se prestou muito mais a demonstrações de actos heróicos. De uma forma geral, os *heróis* do Oriente foram os mais enaltecidos pela historiografia, sobretudo os militares e os descobridores. Coube portanto à *Brotéria* a função de valorizar a figura de um outro *herói*, Xavier, e de todos aqueles que contribuíram para a implantação do Cristianismo. Mas, não sendo o santo português, houve a necessidade de *portugalizar* a sua vida, já que o seu nascimento era navarro. Talvez a fim de reforçar o papel dos portugueses e a importância destes na implantação do cristianismo, foi publicada uma série de artigos sobre os governadores e Vice-reis que ajudaram a Companhia de Jesus na sua fixação no Oriente. Recordar-se desta forma a aliança entre o poder político e o religioso na estratégia de colonização. De acordo com as regiões assim se estabeleceram formas de fixação/circulação dos portugueses, isto é, houve espaços em que o apoio prestado aos portugueses que circulavam pelo Oriente, ou em que muita da diplomacia que aí se fazia, estava a cargo dos jesuítas e não tanto das autoridades civis<sup>43</sup>.

---

<sup>41</sup> *O Ultramar Português no século XVIII*, Lisboa, (2ª ed.), Agência-Geral do Ultramar, 1970. p.1.

<sup>42</sup> *Os descobrimentos no Imaginário Juvenil (1850-1950)*, p. 59.

<sup>43</sup> Sobre a questão da Índia aconselhamos a leitura do nosso artigo: “A Sociedade Indiana e as Estratégias Missionárias”, *Portuguese Studies Review*, New Hampshire, vol. IX, nº 1 e 2, 2001, pp. 321-334.

A análise do conteúdo dos artigos permitiu-nos traçar duas etapas fundamentais que marcam o pensamento da *Brotéria*: uma etapa muito mais expositiva, apologética – história eclesiástica – enunciando apenas a geografia missionária, sem qualquer interpretação causalística. Trata-se essencialmente de uma história narrativa e linear que vem praticamente até a actualidade, o que, aliás, é a visão predominante. A outra etapa iniciou-se com o artigo de Mário António de Oliveira e foi continuada por Alonso Romo, que nos apresentam uma análise inerente à própria evolução historiográfica: a contextualização dos acontecimentos, mas na vertente cultural. Isto é: apesar da imposição da cultura ocidental nestes espaços, criou-se paralelamente uma outra cultura, que resultou da simbiose dos diferentes elementos que se cruzaram e também da assimilação do elemento português por parte de Xavier. A herança que ficou é, pois, a confluência e o resultado de tudo isto, ainda hoje visível na língua, na arte e na religião.

Em nenhum dos artigos se analisa o impacto que o Cristianismo teve nas sociedades que tocou. Embora se fale tanto da aceitação, da violência ou da rejeição das populações locais face à catequização, isto é quase sempre feito do ponto de vista ocidental. Neste sentido, foi glorificado o exemplo de vida do Santo na sua globalidade e nunca o esmiuçar das consequências que da sua obra resultaram, principalmente no desenvolvimento da relação face ao outro, que pode ser um sentimento de admiração e de protecção ou de desprezo e sujeição<sup>44</sup>. Importa equacionar os resultados da sociabilização entre colonizador e colonizado. Temos de eliminar a tradicional antinomia entre a perspectiva do colonizado e a do colonizador, a fim de olharmos para o papel activo que estes dois grupos desempenharam na criação de novas práticas culturais. Urge também discutir alguma terminologia de que a história eclesiástica se apropriou e que, no entender de alguns estudiosos, é anacrónica. É disso exemplo o conceito de *missão* e de *missionário*<sup>45</sup>; ou ainda a discussão de outras concepções, como a de *aculturação* e de *adaptação*; ou a sua contribuição para a troca intercontinental de

---

<sup>44</sup>As cartas de Xavier provam esse mesmo sentimento. Maria de Deus Beites Manso, *São Francisco Xavier e a Índia, São Francisco Xavier. A Sua Vida e o Seu Tempo (1506-1552)*, pp. 77-82.

Ainda que sobre outras regiões, aconselhamos as seguintes leituras: Tzvetan Todorov, *A Conquista da América. A questão do outro*, 2ªed., São Paulo, Martins Fontes, 1999. Martin Lienhard, *O Mar e o Mato. Histórias da Escravidão*, Luanda, Kilombelombe, 2005.

<sup>45</sup> Segundo Ivo Carneiro de Sousa, não se encontra esta terminologia nas cartas da época: “Entre o Etnocentrismo e Apologética: Discutindo a Historiografia Religiosa de Macau”, *Revista de Administração Pública de Macau*, Macau, Direcção de serviços e Administração Pública, pp. 729-756.

plantas e para o melhoramento de técnicas de cultivo e o seu contributo para a arte e para a música<sup>46</sup>.

Neste ano em que se comemoram os quinhentos anos do seu nascimento, particularmente em Navarra, assinalou-se a efeméride e, felizmente, algumas publicações assinalaram o facto. Entre elas destacamos: *Sol, Apóstol, Peregrino, San Francisco Javier en su Centenário*<sup>47</sup>. Apesar dos grandes nomes da actual historiografia xaveriana que participam na edição, nenhum dos artigos se debruça sobre as temáticas que acima enunciamos. Urge, portanto, escrever análises integradas num vasto plano de estratégia missionária, política e cultural, tanto do ponto de vista da acção do ocidental como do *outro*. Não se trata apenas de escrever uma “nova história das missões”, mas tão-somente de reinterpretá-la a partir de um outro quadro conceptual.

---

<sup>46</sup> Teotónio R. de Souza, “O Ensino e a Missionaç o Jesuítica na  ndia”, *A Companhia de Jesus e a Missionaç o no Oriente*, Lisboa, 2000, p. 132.

<sup>47</sup> Coordenação: In cio Arellano, Gobierno de Navarra, 2006.